

Manoel d' Almeida Filho

As Aventuras de Paulo



**Sufrimento, Amor e
Aventuras**

PREÇO — 1 Cruzeiro

As Aventuras de Paulo

Sufrimento, Amor e
Aventuras

Leitores vos conto um drama
Do tempo da antiguidade
Onde imperou a malicia
Malvadez e falsidade
Mas o que Deus determina
Ninguem escurece a verdade.

Havia numa cidade
Um rei de grande poder
Matava sem piedade
E não temia morrer
Quem partisse para ele
Não queria mais viver.

Já faziam cinco anos
Que este rei era casado
Como não tinha um filho
Vivia contrariado
Um dia disse a esposa:
—Eu sou muito desgraçado.

Se Deus não nos dà um filho
Por mim mesmo reconheço
Que o culpado sou eu
Nem isso de Deus mereço
Os crimes que tenho feito
É porque hoje padeço.

Porém de hora em diante
Não pratico mais horror
Vou viver justo e honrado
Juro por Nosso Senhor
E peço que dê-me um filho
Por vosso divino amor.

Desse dia por diante
O rei se regenerou
Quando já não esperavam
Uma noite ele sonhou
Que lhe chegava um anjo
Por esta / falou:

— Jesu. manda-te dizer
Que uma filha vai te dar
Para acabar teu sofrer
Mas manda te avisar
Que é pra vós fazerdes
O que ele determinar

Quando ele acordou-se
Foi já com muita alegria
Nesse momento feliz
Gravida a mulher sentia
E dentro de pouco tempo
Essa menina nascia.

Quando a criança nasceu
O rei ficou encantado
Bem junto ao pé do leito
Contemplava ajoelhado
Como se fosse uma santa
Que Deus tivesse mandado.

Pegou um livro de sorte
Com prazer e alegria
P'ra ver a sina da filha
E o nome que trazia,
Porem quando viu a sina
Quase morre de agonia.

O nome era Juliana
Dado pela natureza
A sina era casar-se
Com um filho da pobreza
Pois era Paulo Azevedo
O esposo da princeza.

O rei ficou colerizado
E jurou na mesma hor
De acabar com o Paulo
P'ra não nascer a peõra
Disse : onde eu encontre-lo
Tiro-lhe a cabeça lóra.

E seguiu a informar-se
Porem com muito segredo
Para não ser descoberto
E não complicar o enredo
Perguntando : aonde mora
Uma familia Azevedo ?

Finalmente descobriu
Um ferreiro que havia
Chamado João Azevedo
Este um filho possuia
Era esse o tal menino
Que o malvado perseguia.

Quando o rei ficou ciente
Onde o menino morava
Pensou logo por qual meio
A creança assassinava
Mandou roubar o inocente
P'ra fazer o que desejava.

Paulo contava dois anos
Inteligente e sabido
Pois nasceu no dia que
Juliana tinha nascido
Estava nas mãos do rei
P'ro caso ser resolvido.

Este caso horrroso
De ninguém quiz confier
Para não ser descoberto
Ele mesmo foi matar
Pegou o menino e seguiu
A procura d'um lugar.

Andando pela montanha
Quando num monte chegou
Botou a creança no chão
E por seu punhal puchou
Com furor, odio o vingança
No inocente cravou.

Estava tão satisfeito
Fazendo esta matança
Que deu quatro punhaladas
Que traspassava a creança
Deixou o punhal ficado
P'ra ser maior a vingança.

Dai voltou o monarca
Disendo: estou vingado
Já deslir no que Deus fez
Agora estou consolado
Se ele tornar a fazer
Torna deixar desmanchado

Paulo ficou arquejando
Quase morto esfaqueado
Naquele estado triste
Ali sobre o chão prostrado
Até as pedras choravam
O vendo naquele estado.

Perto do monte moreno
Numa casa, uma velhinha
Foi tirar uns gravetinhos
Perdeu-se andava suzinha
Se alimentando no mato
Quando achava uma frutinha.

Já faziam quatro dias
Que ela tinha se perdido
Foi passando e ouviu
Paulo soltar um gemido
Ela aí chegou p'ra perto
O pobre estava estendido.

Quando a velhinha viu
Ele todo ensanguentado
Exclamou: Oh! Virgem Maria
A mãe do verbo encarnado
Socorrei este inocente,
Por Jesus sacramentado.

Arrancou logo o punhal
Que nele tinha ficado
— Oh! Jesus que quadro feio
Oh! que ente tão malvado
Quem comete um crime deste
Só paga sendo enforcado.

E botou Paulo nos braços
Saiu por ali andando
Derramando muito sangue
E a velhinha chorando,
E com as folhas de mato,
O sangue a enxugando.

Deus como vai amoroso
A velhinha auxiliou
Que quando ela saiu
Com o caminho acertou
Com o praso d'uma hora
Em sua casa chegou.

Assim que ela chegou
Foi logo tratar de Paulo
Mas só dentro de um ano
Ela acabou de cura-lo
Depois que ele ficou bom
A velhinha foi crea-lo.

Paulo chamava mamãe
Sem saber do seu passado
Porem um dia ela disse
Como o tinha achado
No pé d'um grande monte
Quase morto esfaqueado

E entregou-lhe o punhal
Que ele foi visimado
O punhal era de ouro
O cabo era prateado
Com as tres iniciais
Do dono, era assinado.

Ele pegando o punhal
Disse: amanhã vou embora
Vou procurar minha vida
Por este mundo atora
Descobrir esse misterio
Com fé em Nossa Senhora.

Com dois dias de viagem
Chegou num grande reinado
Falou logo com o rei
Para ser seu empregado
Como o rei nada sabia
O rapaz foi arrumado.

Era este o cujo rei
A imagem de caim
Tinha ido matar Paulo
Em um deserto sem fim
E agora sem saber
Empregou-o no jardim.

Paulo tinha obrigação
De todo dia aprontar
Um lindo boquê de flor
E a Juliana levar
Isto era ordem do rei
Para filha se enfeitar.

Ele fazia o boquê
E todo dia levava
A lindeza desse mimo
Cada dia mais brilhava
E Juliana por si
Daquilo se admirava.

Juliana era uma jovem
De recato e de pudor
Começou gostar de Paulo
E consagrou grande amor
Pois enfrentou a desgraça
Do pai não teve temor.

Ela dizia consigo:
— Como é que pode ser
Se o meu pai souber disto
Nós havemos de morrer
Se é esta a nossa sorte
Só Deus nos pode valer.

Eu sei que Paulo me ama
Isto é cousa bem clara
Mas tem medo de papai
Por isso não se declara
Ou p'ra matar ou morrer
Agora eu meto a cara.

Neste momento saiu
Direta para o jardim
Encontrando Paulo disse:
Queridinho venha a mim
A tempos que ti consagro
Um amor puro sem fim.

Paulo então lhe respondeu:
Isto é uma esparrela
Rico não casa com pobre
Não sou eu quem caio nela
Você critica de mim
Por ser rica nobre e bela.

Juliana disse: Paulo
Para ti não sou fingida
Hoje mesmo me enforco
Se por ti não for querida.
Poís por teu amor me arrisco
Até de perder a vida.

Paulo disse: sendo assim
De nada tenhas temor
Descanças teu coração
Confias no meu amor
Que por ti arrisco a vida
Morrendo não sinto a dor.

Então disse Juliana:
— Para mim outro não vejo
Ambos logo se abraçaram
Juliana deu-lhe um beijo
E Paulo também beijou-a
Aproveitando o ensejo.

O rei sem mãos pensamentos
Se abalou dos seus cuidados
Foi passeiar no jardim
Pensando nos seus passados
E deparou-se com Paulo
E Juliana abraçados.

Quando o rei avistou-os
 Ficou cego de paixão
 Deu um pontapé na filha
 Que lançou-o sobre o abito
 E ameaçou o Paulo
 Para mata-lo a facão

Paulo que era ligeiro
 Pegou logo uma enxada
 Com ela empurrou o rei
 Ele caiu na calçada
 Rompeva que só um porco
 Com a cabeça rasgada.

Nisso chegaram os soldados
 Que tinham ouvido a ruada
 E partiram para Paulo
 De baioneta calada
 Paulo sustentava a luta
 No olho de sua enxada.

Mas a enxada quebrou-se
 Paulo ficou desarmado
 Os soldados perseguindo
 Ele se viu apertado
 Deixar a luta e correr
 Foi esse o plano acertado.

Assim mesmo ele fez
 Saltou o muro e correu
 Chegando fora da rua
 No mato se escondeu
 Vamos tratar em Juliana
 E tudo que aconteceu.

Pois o rei quando tornou
Que viu aquele estandarte
Uns gemendo, outros chorando
E mortos tinha uma parte
Pois Paulo tinha mostrado
Que brigando tinha arte.

O monarca levantou-se
Em ponto de se morder
Pegou Juliana e disse:
— Já sabes que vae morrer?
Amenhã te corto a cabeça
Para todo mundo ver.

Pegou logo Juliana
Mandou-a encarcerar
E cinco mortos que tinha
Ele os mandou enterrar,
E tinha treze feridos
Tambem mandou-os curar.

Juliana além de presa
De ferro toda algemada
Ainda disse ao pai:
— isso p'ra mim não é nada
Pois pelo amor de Paulo
Morro muito consolada.

Vamos deixar Juliana
Na prisão fria gelada
Para tratar sobre Paulo
Quando soube da cilada
Como ele entrou na rua
E salvou a sua amada.

Paulo vinha no caminho
Com um médico encontrou
Deu-lhe logo uns pants-pês
E tudo dele tomou
Vestiu-se na sua roupa
E os aparelhos levou.

E quando chegou na rua
Uma casa ele alugou
Preparou um consultorio
E uma placa botou
E depois de tudo pronto
Um plano certo formou.

Ele saiu passeiando
Com uma pasta na mão
Encontrando o General
Foi-lhe pediu atenção
Disse: O senhor está sofrendo
Um grande mal no coração

Respondeu o General:
— De nada estou sofrendo
Paulo disse logo: veja
Se ele não está batendo,
O senhor diz que está bom
Mas está quasi morrendo.

O General nunca finha
A isto prestado atenção
E quando a mão botou
Em cima do coração
O medo foi tão danado
Que ele caiu no chão.

Paulo viu que na ideia
Tinha tido resultado
Logo ergueu o general
Que estava todo gelado
Levou ele direitinho
P'ro lugar determinado

Chegando ao consultorio
O Paulo com precaução
Botou logo o General
Na mesa de operação
E tirou-lhe toda roupa
P'ra fazer examinação

Botou-lhe um pano no rosto
Porém com todo cuidado
Foi buscar a ferramenta
E voltou muito apressado
Quando o general deu fê
Estava todo amarrado.

Ele ai vestiu a roupa
Daquele official
E partiu diretamente
Para o quartel general
Juntou a força e seguiu
Para Côrte Imperial.

O general prometeu
A todos officiaes
De aumentar o ordenado
Dos soldados inda mais
P'ra não deixar Juliana
Passar os golpes fatais.

Ai lhe disseram todos :
Senhor não tenha cuidado
O senhor fazendo isto
Seguimos o seu mandado,
E em vez de Juliana
O rei será enforcado.

Paulo disse : não precisa
Quero salvar a donzela
Porque é muita desgraça
Se não detendermos ela
É moleza deixar morrer
Uma menina tão bela.

Quando a força chegou
Estava a praça agitada
Aí vinha Juliana
A força estava armada
Onde a triste donzela
Ia morrer enforcada.

Já ia subindo a força
Quando o general gritou :
— Eu quero que tome a moça
Aí a força atacou
O rei que viu a desgraça
Também a luta enfrentou.

É o povo quando viu
Aquela revolução
Uns corriam outros gritavam
Que fazia compaixão
Até a corôa do rei
Já rolava pelo chão.

O General era Paulo
Mas não temia o perigo
Pagou o rei pelas guerras
Sustentou o inimigo
Disse a ele: são filhas
Agora casa é contigo.

O rei disse: eu não assino
E gritou: quem me socorre
O general disse a ele:
Você ou assino ou morte
E daqui das minhas unhas
Você se arraba e não corre

O rei vendo que não
Gritou logo: eu faço a paz
Paulo disse: você assina
Perante aos oficiais
Como a palavra de rei
Não pode voltar atrás.

Paulo apertando o rei
Na ponta de seu punhal
Logo o monarca assinou
Pela coroa imperial
És meu genro, eu sou tua sogra
Por toda corte real

Depois de tudo assinado
O rei também aprontou
Botou banhos na igreja
E o povo convidou
O general com Juliana
No mesmo dia casou.

Não deixe de ler:

Romance de Jaques e Jaquira

(NA AFRICA)

Onde vê-se um cachorro desempenhar o papel mais interessante das paginas da historia.

Salvar o seu dono (Bugue-Jagal) na hora do fusilamento, matando diversos capangas.

Depois guardou a moça muito tempo e com o auxilio do dono, salvou o rapaz na hora de ser jogado ao abismo, onde fora condenado.

Guerras com os indios, traição, misterio, vingança, aventuras e triunfo.

Preço da casa Cr. \$ 2,00

Aracajú, 3-4-43

Grafica MOCIDADE - Aracajú

Handwritten notes:
206 - 206 - T. II - 434